

Capítulo Primeiro

I

Incapaz de me conter mais, sentei-me a escrever esta história dos meus primeiros passos no caminho da vida, quando podia muito bem passar sem isso. Uma coisa sei de certeza: nunca mais me perei a escrever a minha autobiografia, nem que viva até aos cem anos. É preciso estar apaixonado por si mesmo de uma maneira demasiado ignóbil para escrever sem vergonha acerca da sua própria pessoa. Apenas me desculpo pelo facto de não escrever para aquilo que todos escrevem, isto é, para receber os elogios do leitor. Se de repente me desse para escrever palavra por palavra tudo aquilo que me aconteceu desde o ano passado, seria levado por uma necessidade interior: de tal modo estou pasmado com tudo o que sucedeu. Escrevo apenas os acontecimentos, abstando-me com todas as forças de tudo o que lhes seja alheio e, principalmente, dos primores literários; um literato escreve durante trinta anos e no fim de contas não sabe para que escreveu durante tantos anos. Eu não sou literato, não quero ser literato, e consideraria uma indecência e uma baixeza arrastar o íntimo da minha alma e uma bonita descrição dos meus sentimentos pelo mercado da literatura. No entanto, pressinto, com enfado, que parece impossível evitar por completo a descrição dos sentimentos e das reflexões (talvez mesmo triviais): tal é a perversa ação que tem sobre o homem qualquer atividade literária, mesmo que seja iniciada unicamente para si próprio. E essas reflexões podem ser até muito triviais, porque aquilo que nós próprios apreciamos não tem, muito possivelmente, nenhum valor para um olhar estranho. Mas deixemos isso de lado. Entretanto, já aqui temos o preâmbulo; não haverá mais nada neste

género. Vamos ao assunto. Embora não haja nada mais complicado do que iniciar um assunto qualquer — talvez até todos os assuntos.

II

Começo, isto é, queria começar as minhas notas a partir de dezanove de Setembro do ano passado, isto é, do próprio dia em que pela primeira vez encontrei...

Mas explicar de antemão quem foi que encontrei, quando ainda ninguém sabe nada, seria vulgar; acho que até esse tom seria vulgar: tendo prometido a mim próprio evitar os primores da literatura, vim cair nesses primores logo nas primeiras linhas. Além disso, para escrever razoavelmente, parece-me que o desejo não basta. Faço também notar que, segundo me parece, em nenhuma outra língua europeia é tão difícil escrever como em russo. Reli agora o que acabo de escrever e vejo que sou bastante mais inteligente do que aquilo que escrevi. Como é que acontece que aquilo que um homem inteligente diz seja muito mais estúpido do que o que ficou por dizer? Já constatei isso muitas vezes em mim e nas minhas relações verbais com as pessoas em todo este último ano funesto e muito me tenho atormentado com isso. Embora comece a partir de dezanove de setembro, em todo o caso direi algumas palavras acerca de quem sou eu, onde estive até agora e, por conseguinte, o que podia ter na cabeça, ao menos em parte, nessa manhã de dezanove de setembro, para que o leitor possa compreender, e talvez também eu possa compreender.

III

Terminei o curso do liceu e tenho agora vinte anos. O meu apelido é Dolgorúki, e o meu pai legal é Makar Ivánov Dolgorúki, antigo criado dos Versílov. Assim sendo, sou filho legítimo, ainda que seja filho bastardo e a minha origem não ofereça a mínima dúvida. O caso aconteceu do seguinte modo: há vinte e dois anos, o latifundiário Versílov (que é o meu pai), então com vinte e cinco anos de idade, foi visitar a sua

propriedade na província de Tula. Suponho que por essa altura ele era ainda extremamente desprovido de personalidade. É curioso que este homem, que tanto me surpreendeu desde a infância, que teve uma influência capital na formação de todo o meu espírito e talvez contagie ainda todo o meu futuro durante muito tempo, este homem continua a ser para mim em parte um grande enigma. Mas, em suma, voltaremos ao assunto mais tarde. Isto não é assim tão simples de contar. De qualquer modo, todo o meu caderno está cheio deste homem.

Por essa altura ele tinha ficado viúvo, isto é, com a idade de vinte e cinco anos. Tinha sido casado com uma senhora da alta sociedade, mas não muito rica, Fanariótova, de quem tinha um filho e uma filha. As minhas informações sobre essa esposa, que tão cedo o deixou, são bastante incompletas e estão perdidas entre os meus materiais; e muitas das circunstâncias particulares da vida de Versílov escaparam-me, de tal modo ele foi sempre orgulhoso, altivo, reservado e desdenhoso para comigo, apesar de em alguns momentos se mostrar surpreendentemente humilde. Lembro, no entanto, para memória futura, que ao longo da sua vida ele desbaratou três propriedades, e até bastante grandes, num total de quatrocentos mil rublos ou talvez mais. Agora, é claro, não tem nem um centavo.

Naquele tempo, foi à aldeia «sabe Deus para quê», pelo menos a mim foi o que me pareceu depois. Os filhos pequenos não estavam com ele, habitualmente, mas em casa de uns familiares; foi assim que procedeu toda a vida para com os seus filhos, os legítimos e os ilegítimos. Naquela propriedade, os serviçais eram bastante numerosos; entre eles estava também o jardineiro Makar Ivánov Dolgorúki. Digo-o aqui para me desprender de uma vez para sempre: é raro alguém poder irritar-se tanto com o seu próprio apelido como eu, ao longo de toda a minha vida. É claro que isto era uma tolice, mas era assim. De cada vez que eu entrava para alguma escola ou me encontrava com pessoas para quem, dada a minha idade, tinha alguma obrigação, numa palavra, cada professor, preceptor, inspetor, pope, todos eles, ao perguntarem o meu apelido, me ouviam dizer que era Dolgorúki e achavam inevitavelmente necessário, sabe-se lá porquê, acrescentar:

— Príncipe Dolgorúki?¹

E sempre que isso acontecia, eu era obrigado a explicar a todas essas pessoas vãs:

— Não, *simplesmente* Dolgorúki.

Este *simplesmente* acabou por me enlouquecer. Observo, no entanto, como um fenómeno, que não me lembro de nenhuma exceção: todos

perguntavam. Para alguns, ao que parece, isso era absolutamente desnecessário. E não sei por que diabo era necessário para alguém. Mas todos perguntavam, todos, até ao último. Ao ouvir dizer que eu era *simplesmente* Dolgorúki, aquele que perguntava media-me habitualmente com um olhar obtuso e estupidamente indiferente, prova de que ele próprio não sabia porque tinha perguntado, e afastava-se. Os colegas de escola todos perguntavam de modo mais ofensivo. Como é que um aluno interroga um caloiro? O caloiro, perdido e confuso, no primeiro dia de escola (seja ela qual for), é uma vítima de todos: dão-lhe ordens, provocam-no, tratam-no como um lacaio. Um rapazito robusto, gordo, pára de repente diante da sua vítima, observa-a longamente com um olhar severo e desdenhoso durante alguns instantes. O caloiro está parado à frente dele, olha-o de esguelha, se não for cobarde, e espera o que irá acontecer.

— Como te chamas?

— Dolgorúki...

— Príncipe Dolgorúki?

— Não, simplesmente Dolgorúki.

— Ah, simplesmente! Parvo.

E tem razão: não há nada mais parvo do que chamar-se Dolgorúki sem ser príncipe. Eu carrego essa parvoíce, sem ter culpa. Mais tarde, quando comecei a zangar-me muito, à pergunta «tu és príncipe?», respondia sempre:

— Não, eu sou filho de um homem da criadagem, antigo servo.

Depois, quando já estava no último limite da irritação, à pergunta «o senhor é príncipe?», uma vez respondi com firmeza:

— Não, sou simplesmente Dolgorúki, filho ilegítimo do meu antigo amo, o senhor Versílov.

Isto inventei-o já no sexto ano do liceu e, embora depressa me tenha convencido de que era uma tolice, em todo o caso não parei logo de fazer tolices. Lembro-me de que um dos professores — que de resto foi o único — achou que eu estava cheio de «uma ideia vingativa e cívica». Mas de um modo geral recebiam esta minha saída com um ar meditativo que me ofendia. Finalmente, um dos meus colegas, rapaz muito cáustico e com o qual não falei durante um ano, disse-me com ar sério, mas olhando um pouco de lado:

— É claro que esses sentimentos lhe ficam bem, e sem dúvida tem de que se orgulhar; mas, em todo o caso, eu no seu lugar não festejaria muito o facto de ser bastardo... mas você é como se tivesse ganho a sorte grande!

Desde então deixei de me gabar por ser filho bastardo.

Repito que é muito difícil escrever em russo: enchi três páginas completas só para dizer como toda a vida me irritei por causa do meu apelido, e no entanto o leitor por certo já viu que me zango precisamente por não ser príncipe, mas simplesmente Dolgorúki. Explicar-me uma vez mais e desculpar-me seria humilhante para mim.

IV

Pois bem, entre essa criadagem havia muita gente, e, além de Makar Ivánov, havia uma rapariga, que tinha já dezoito anos de idade quando Makar Dolgorúki mostrou de repente a intenção de se casar com ela. Os casamentos dos criados, como é sabido, aconteciam no tempo do direito feudal com a permissão dos amos, e por vezes mesmo por ordem deles. Na propriedade estava então uma tiazinha; isto é, ela não era minha tia, era uma latifundiária. Mas, não sei porquê, toda a vida todos lhe chamaram Tiazinha, não só eu, mas em geral, tal como na família de Versílov, com quem ela era praticamente aparentada. Era ela Tatiana Pávlovna Prutkova. Nesse tempo ela ainda possuía, na mesma província e no mesmo distrito, trinta e cinco almas. Não se pode dizer que ela administrava, mas como vizinha olhava pela propriedade de Versílov (de quinhentas almas), e essa vigilância, segundo ouvi dizer, valia bem a vigilância de qualquer administrador habilitado. Aliás, eu não tenho nada a ver com os conhecimentos dela; só quero acrescentar, rejeitando qualquer ideia de lisonja e de adulação, que esta Tatiana Pávlovna era uma criatura nobre e até original. Pois ela não só não rejeitava as inclinações matrimoniais do sombrio Makar Dolgorúki (dizia-se que ele então era sombrio), como, pelo contrário, por qualquer razão, as encorajava em grande medida. Sofia Andréievna (essa serviçal de dezoito anos, isto é, a minha mãe) era então completamente órfã havia já alguns anos; o pai dela, que respeitava muito Makar Dolgorúki e lhe devia alguns favores, também ele um servo, seis anos antes, ao morrer, no leito da morte, diz-se até que um quarto de hora antes de exalar o último suspiro, de modo que até se pode tomar por um delírio, se ele não estivesse incapacitado como servo, tendo chamado Makar Dolgorúki, diante de toda a criadagem e na presença do sacerdote, lhe pediu, em voz alta, apontando para a filha: «Educa-a e toma-a para ti.» E todos ouviram isto. Quanto a Makar Ivánov, não sei em que sentido ele depois se casou, isto é, se foi